

## Gênero, mística e literatura: Clarice Lispector

13/12/2012

Maria Clara Lucchetti Bingemer  
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Clarice Lispector é um mistério em si mesma. Para além de sua pertença religiosa, trata-se de uma mulher de fé, de cuja pena jorra a palavra Deus diretamente nomeado e deixando perceber uma sensibilidade espiritual imensa para qualquer manifestação da Transcendência que possa acontecer em todas as dimensões da existência.

Apresentando quase sempre personagens femininas que buscam ardentemente sua identidade e que muitas vezes monologam, Clarice narra em seus romances verdadeiras experiências místicas. Suas personagens não recuam diante de nada na ânsia de chegar ao mais profundo de sua condição humana e à comunhão com o outro.

Na peregrinação ao fundo de si e ao encontro do outro, o silêncio é muito valorizado e sublinhado. Como, por exemplo, nesta passagem da obra *Uma aprendizagem ou O Livro dos prazeres*: "O que se passara no pensamento de Lóri naquela madrugada era tão indizível e intransmissível como a voz de um ser humano calado. Só o silêncio da montanha lhe era equivalente." Silêncio que deve ser vivido e sofrido: "O silêncio é a profunda noite secreta do mundo. E não se pode falar do silêncio como se fala da neve: senti o silêncio dessas noites? Quem ouviu não diz. Há uma maçonaria do silêncio que consiste em não falar dele e de adorá-lo sem palavras." O silêncio é o caldo de cultura adequado para a "aprendizagem" de ser: "Mas há um momento em que do corpo descansado se ergue o espírito atento, e da Terra e da Lua. Então ele, o silêncio, aparece. E o coração bate ao reconhecê-lo: pois ele é o de dentro da gente."

Neste reconhecimento mora a pergunta que no fundo é a pergunta de todo ser humano: "Ele é o Silêncio. Ele é o Deus?" E ainda, tocando os limites da alteridade do divino que se revela em meio ao silêncio: "O coração tem que se apresentar diante do Nada sozinho e sozinho bater em silêncio de uma taquicardia nas trevas. Só se sente nos ouvidos o próprio coração. Quando este se apresenta todo nu, nem é comunicação, é submissão."

A palavra "submissão" traz a conotação mística da experiência que Clarice narra. A personagem Lori vai aprendendo e esperando para viver plenamente o amor de um homem, onde Eros é um componente essencial. Mas deverá compreender que não rege o processo. Outro tem nas mãos as rédeas do comando. Outro a quem ela não pode senão submeter-se na nudez ardente e dolorosa da noite escura que atravessa. Nesta aprendizagem feita de palavra e silêncio, de dor e alegria, de solidão e encontro, as personagens de Clarice vão experimentar a comunhão do amor pleno e maduro, feito de Eros e ágape.

E descobrem que "a palavra de Deus era de tal mudez completa que aquele silêncio era Ele próprio." Descobrem igualmente que o caminho do autoconhecimento é angustiante, porém salvador. Tira o Ser do estado de ruína e de esquecimento em que se encontra e o conduz à passagem para um humilde êxtase que é ao mesmo tempo êxodo de si mesmo e descoberta de si mesmo no "estar sendo". É quando sentem "estar sendo" juntos e em comunhão que os seres humanos encontram de fato o amor.

Mas é sobretudo em *A Paixão segundo GH* que podemos encontrar a mística de Clarice mais profundamente narrada. GH, a mulher sem paixão, vai se defrontar com o *pathos*, com a paixão, a partir da viagem kenótica que faz ao coração da matéria, ao submundo das entranhas de um inseto, ao caos primitivo antes que ele seja pelo Criador resignificado em cosmos. O romance de Clarice falará de um *pathos* instituinte, de um ser humano que padece sem nada poder fazer por sua própria iniciativa para tal, a revelação da transcendência a partir de uma experiência que foge a toda "normalidade": a aparentemente abjeta "comunhão" com as entranhas de uma barata morta.

Não cremos ser um "abuso" proveniente da nossa área de competência – a teologia – classificar a viagem de G. H. ao entrar no quarto humilde de sua empregada e defrontar-se com o inseto que a fita e provoca, como mística. Ou até mesmo – ousaria mais – como crística. Pois crístico não é o movimento que faz o Filho de Deus ao não aferrar-se a suas prerrogativas e a esvaziar-se, despojar-se, humilhar-se, obediente até a morte, e morte de cruz? E místico não é o movimento bilateral que faz a divindade unir-se à humanidade e vir resgatá-la a partir da lama do pecado onde se encontra mergulhada, cristificando-a e unindo-a a Si mesmo no Espírito Santo, que habita em nós, em kenosis amorosa, podendo ser abafado, contristado e mesmo extinto, como afirma Paulo de Tarso?

O itinerário de G. H. é místico. E é místico porque ascético e purificador, enquanto prepara o alargamento do eu que se segue à sua morte pelo sacrifício ascético de mergulhar no coração da matéria. Toca os extremos da condição humana, quais sejam: a vida e a morte. "A descida na direção dessa existência impessoal produz-se como verdadeira ascese: a personagem desprende-se do mundo e experimenta, após gradual redução dos sentimentos, das representações e da vontade, a perda do eu"

Ao realizar o que chama de "ato ínfimo" – comunicar com a matéria viva, no coração das coisas - G. H. chega à plenitude ansiada e desejada. Não compreender, não dominar, não pairar por cima das

coisas. Mas descer, mergulhar, sujeitar-se ao ínfimo, ao coração da matéria, mergulhar na descida para encontrar então aquilo que não consegue nomear, mas cujo nome existe e é Mistério inexpugnável. Atraída por Eros, misteriosamente, à beleza invertida daquilo que o vulgo convencionou chamar de feio, encontra ágape em amor oblativo, gratuito, adorante. "A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro."